

Agora vou deixando  
o município de Limoeiro.  
Lá dentro da cidade  
havia encontrado o trem de ferro.  
Faz a viagem do mar  
mas não será meu companheiro,  
apesar dos caminhos  
que quase sempre vão paralelos.  
Sobre seu leito liso,  
com seu fôlego de ferro,  
lá no mar do Arrecife  
ele chegará muito primeiro.  
Sou um rio de várzea,  
não posso ir tão ligeiro.  
Mesmo que o mar os chame,  
os rios, como os bois, são ronceiros.

Outra vez ouço o trem  
ao me aproximar de Carpina.  
Vai passar na cidade,  
vai pela chã, lá por cima.  
Detém-se raramente,  
pois que sempre está fugindo,  
esquivando apressado  
as coisas de seu caminho.  
Diversa da dos trens  
é a viagem que fazem os rios:  
convivem com as coisas  
entre as quais vão fluindo;  
demoram nos remansos  
para descansar e dormir;  
convivem com a gente  
sem se apressar em fugir.

Parece que ouço agora  
que vou deixando o Agreste:  
"Rio Capibaribe,  
que mau caminho escolheste.  
Vens de terras de sola,  
curtidas de tanta sede,  
vais para terra pior,  
que apodrece sob o verde.

### O trem de ferro

De Ilhetas  
ao Petribu

Se aqui tudo secou  
até seu osso de pedra,  
se a terra é dura, o homem  
tem pedra para defender-se.  
Na Mata, a febre, a fome  
até os ossos amolecem."  
Penso: o rumo do mar  
sempre é o melhor para quem desce.

No outro dia deixava  
o Agreste, na Chã do Carpina.  
Entrava por Paudalho,  
terra já de cana e de usinas.  
Via plantas de cana  
com sua cabeleira, ou crina,  
muita folha de cana  
com sua lâmina fina,  
muita soca de cana  
com sua aparência franzina,  
e canas com pendões  
que são as canas maninhas.  
Como terras de cana,  
são muito mais brandas e femininas.  
Foram terras de engenho,  
agora são terras de usina.

Foram terras de engenho,  
agora são terras de usina.  
É o que contam os rios  
que vou encontrando por aqui.  
Rios bem diferentes  
daqueles que já viajam comigo.  
A estes também abraço  
com abraço líquido e amigo.  
Os primeiros porém  
nenhuma palavra respondiam.  
Debaixo do silêncio  
eu não sei o que traziam.  
Nenhum deles também  
antecipar sequer parecia  
o ancho mar do Recife  
que os estava aguardando um dia.

Encontro com  
o canavial

Outros rios

Primeiro é o Petribu,  
 que trabalha para uma usina.  
 Trabalham para engenhos  
 o Apuá e o Cursai.  
 O Cumbe e o Cajueiro  
 cresceram, como o Camilo,  
 entre cassacos do eito,  
 no mesmo duro serviço.  
 Depois é o Muçurepe,  
 que trabalha para outra usina.  
 Depois vem o Goitá,  
 dos lados da Chã da Alegria.  
 Então, o Tapacurá,  
 dos lados da Luz, freguesia  
 da gente do escrivão  
 que foi escrevendo o que eu dizia.

Só após algum caminho  
 é que alguns contam seu segredo.  
 Contam porque possuem  
 aquela pele tão espessa;  
 por que todos caminham  
 com aquele ar descalço de negros;  
 por que descem tão tristes  
 arrastando lama e silêncio.  
 A história é uma só  
 que os rios sabem dizer:  
 a história dos engenhos  
 com seus fogos a morrer.  
 Nelas existe sempre  
 uma usina e um bangüê:  
 a usina com sua boca,  
 com suas várzeas o bangüê.

A usina possui sempre  
 uma moenda de nome inglês;  
 o engenho, só a terra  
 conhecida como massapê.  
 E o que não pode entrar  
 nas moendas de nome inglês  
 a usina vai moendo  
 com muitos outros meios de moer.

A usina tem urtigas,  
 a usina tem morcegos,  
 que ela pode soltar  
 como amestrados exércitos  
 para ajudar o tempo  
 que vai roendo os engenhos,  
 como toda já roeu  
 a casa-grande do Poço do Aleixo.

As coisas não são muitas  
 que vou encontrando neste caminho  
 Tudo planta de cana  
 nos dois lados do caminho;  
 e mais plantas de cana  
 nos dois lados dos caminhos  
 por onde os rios descem  
 que vou encontrando neste caminho;  
 e outras plantas de cana  
 há nas ribanceiras dos outros rios  
 que estes encontraram  
 antes de se encontrarem comigo.  
 Tudo planta de cana  
 e assim até o infinito;  
 tudo planta de cana  
 para uma só boca de usina.

As casas não são muitas  
 que por aqui tenho encontrado  
 (os povoados são raros  
 que a cana não tenha expulsado).  
 Poucas tem Rosarinho  
 e Desterro, que está pegado.  
 Paudalho, que é maior,  
 está menos ameaçada,  
 Paudalho essa cidade  
 construída dentro de um valado,  
 com sua ponte de ferro  
 que eu atravesso de um salto.  
 Santa Rita é depois,  
 onde os trens fazem parada:  
 só com medo dos trens  
 é que o canavial não a assalta.

*Do Petribu  
 ao Tapacurá*

*Conversa  
 de rios*

Até este dia, usinas  
 eu não havia encontrado.  
 Petribu, Muçurepe,  
 para trás tinham ficado,  
 porém o meu caminho  
 passa por ali muito apressado.  
 De usina eu conhecia  
 o que os rios tinham contado.  
 Assim, quando da Usina  
 eu me estava aproximando,  
 tomei caminho outro  
 do que vi o trem tomar:  
 tomei o da direita,  
 que a cambiteira vi tomar,  
 pois eu queria a Usina  
 mais de perto examinar.

Vira usinas comer  
 as terras que iam encontrando;  
 com grandes canaviais  
 todas as várzeas ocupando.  
 O canavial é a boca  
 com que primeiro vão devorando  
 matas e capoeiras,  
 pastos e cercados;  
 com que devoram a terra  
 onde um homem plantou seu roçado;  
 depois os poucos metros  
 onde ele plantou sua casa;  
 depois o pouco espaço  
 de que precisa um homem sentado;  
 depois os sete palmos  
 onde ele vai ser enterrado.

Muitos engenhos mortos  
 haviam passado no meu caminho.  
 De porteira fechada,  
 quase todos foram engolidos.  
 Muitos com suas serras,  
 todos eles com seus rios,  
 rios de nome igual  
 como crias de casa, ou filhos.

*Descoberta  
 da Usina*

Antes foram engenhos,  
 poucos agora são usinas.  
 Antes foram engenhos  
 agora são imensos partidos.  
 Antes foram engenhos,  
 com suas caldeiras vivas;  
 agora são informes  
 partidos que nada identifica.

Mas na Usina é que vi  
 aquela boca maior  
 que existe por detrás  
 das bocas que ela plantou;  
 que come o canavial  
 que contra as terras soltou;  
 que come o canavial  
 e tudo o que ele devorou;  
 que come o canavial  
 e as casas que ele assaltou;  
 que come o canavial  
 e as caldeiras que sufocou.  
 Só na Usina é que vi  
 aquela boca maior,  
 a boca que devora  
 bocas que devorar mandou.

Na vila da Usina  
 é que fui descobrir a gente  
 que as canas expulsaram  
 das ribanceiras e vazantes;  
 e que essa gente mesma  
 na boca da Usina são os dentes  
 que mastigam a cana  
 que a mastigou enquanto gente;  
 que mastigam a cana  
 que mastigou anteriormente  
 as moendas dos engenhos  
 que mastigavam antes outra gente;  
 que nessa gente mesma,  
 nos dentes fracos que ela arrenda,  
 as moendas estrangeiras  
 sua força melhor assentam.

*Encontro  
 com a Usina*

Por esta grande usina  
olhando com cuidado eu vou,  
que esta foi a usina  
que toda esta Mata dominou.  
Numa usina se aprende  
como a carne mastiga o osso,  
se aprende como mãos  
amassam a pedra, o caroço;  
numa usina se assiste  
à vitória, de dor maior,  
do brando sobre o duro,  
do grão amassando a mó;  
numa usina se assiste  
à vitória maior e pior,  
que é a de pedra dura  
furada pelo suor.

Para trás vai ficando  
a triste povoação daquela usina  
onde vivem os dentes  
com que a fábrica mastiga.  
Dentes frágeis, de carne,  
que não duram mais de um dia;  
dentes são que se comem  
ao mastigar para a Companhia;  
de gente que, cada ano,  
o tempo da safra é que vive,  
que, na braça da vida,  
tem marcado curto o limite.  
Vi homens de bagaço  
enquanto por ali discorria;  
vi homens de bagaço  
que morte úmida embebia.

E vi todas as mortes  
em que esta gente vivia:  
vi a morte por crime,  
pingando a hora na vigia;  
a morte por desastre,  
com seus gumes tão precisos,  
como um braço se corta,  
cortar bem rente muita vida;

vi a morte por febre,  
precedida de seu assovio,  
consumir toda a carne  
com um fogo que por dentro é frio.  
Ali não é a morte  
de planta que seca, ou de rio:  
é morte que apodrece,  
ali natural, pelo visto.

Agora vou deixando  
a povoação daquela usina.  
Outra vez vou baixando  
entre infundáveis partidos;  
entre os mares de verde  
que sabe pintar Cícero Dias,  
pensando noutro engenho  
devorado por outra usina;  
entre colinas mansas  
de uma terra sempre em cio,  
que o vento, com carinho,  
penteia, como se sua filha.  
Que nem ondas de mar,  
multiplicadas, elas se estendiam;  
como ondas do mar de mar  
que vou conhecer um dia.

À tarde deixo os mares  
daquela usina de usinas;  
vou entrando nos mares  
de algumas outras usinas.  
Sei que antes esses mares  
inúmeros se dividiam  
até que um mar mais forte  
os mais fracos engolia  
(hoje só grandes mares  
a Mata inteira dominam).  
Mas o mar obedece  
a um destino sem divisa,  
e o grande mar de cana,  
como o verdadeiro, algum dia,  
será uma só água  
em toda esta comum cercania.

*Da Usina  
a São Lourenço  
da Mata*

Vou pensando no mar  
que daqui ainda estou vendo;  
em toda aquela gente  
numa terra tão viva morrendo.  
Através deste mar  
vou chegando a São Lourenço,  
que de longe é como ilha  
no horizonte de cana aparecendo;  
através deste mar,  
como um barco na corrente,  
mesmo sendo eu o rio,  
que vou navegando parece.  
Navegando este mar,  
até o Recife irei,  
que as ondas deste mar  
somente lá se detém.

Ao entrar no Recife,  
não pensem que entro só.  
Entra comigo a gente  
que comigo baixou  
por essa velha estrada  
que vem do interior;  
entram comigo os rios  
a quem o mar chamou,  
entra comigo a gente  
que com o mar sonhou,  
e também retirantes  
em quem só o suor não secou;  
e entra essa gente triste,  
a mais triste que já baixou,  
a gente que a usina,  
depois de mastigar, largou.

Entra a gente que a usina  
depois de mastigar largou;  
entra aquele usineiro  
que outro maior devorou;  
entra esse bangüezeiro  
reduzido a fornecedor;  
entra detrás um destes,  
que agora é um simples morador;

De São Lourenço  
à Ponte de Prata

detrás, o morador  
que nova safra já não fundou;  
entra, como cassaco,  
esse antigo morador;  
entra enfim o cassaco,  
que por todas aquelas bocas passou.  
Detrás de cada boca,  
ele vê que há uma boca maior.

A gente das usinas  
foi mais um afluyente a engrossar  
aquele rio de gente  
que vem de além do Jacarará.  
Pelo mesmo caminho  
que venho seguindo desde lá,  
vamos juntos, dois rios,  
cada um para seu mar.  
O trem outro caminho  
tomou na Ponte de Prata;  
foi por Tijipió  
e pelos mangues de Afogados.  
Sempre com retirantes,  
vou pela Várzea e por Caxangá  
onde as últimas ondas  
de cana se vêm espraiair.

Entra-se no Recife  
pelo engenho São Francisco.  
Já em terras da Várzea,  
está São João, uma antiga usina.  
Depois se atinge a Várzea,  
a vila propriamente dita,  
com suas árvores velhas  
que dão uma sombra também antiga.  
A seguir, Caxangá,  
também velha e recolhida,  
onde começa a estrada  
dita Nova, ou de Iputinga,  
que quase reta à cidade,  
que é o mar a que se destina,  
leva a gente que veio  
baixando em minha companhia.

Da Ponte  
de Prata  
a Caxangá

Vou deixando à direita  
aquela planície aterrada  
que desde os pés de Olinda  
até os montes Guararapes,  
e que de Caxangá  
até o mar oceano,  
para formar o Recife  
os rios vão sempre atulhando.  
Com água densa de terra  
onde muitas usinas urinaram,  
água densa de terra  
e de muitas ilhas engravidada.  
Com substância de vida  
é que os rios a vão aterrando,  
com esses lixos de vida  
que os rios viemos carreando.

Até aqui as últimas  
ondas de cana não chegam.  
Agora o vento sopra  
em folhas de um outro verde.  
Folhas muito mais finas  
as brisas daqui penteiam.  
São cabelos de moças  
que vêm cortar capinheiros;  
são cabelos das moças  
ou dos bacharéis em direito  
que devem habitar  
naqueles sobrados tão pitorescos  
(pois os cabelos da gente  
que apodrece na lama negra  
geram folhas de mangue,  
que são folhas duras e grosseiras).

Agora vou entrando  
no Recife pitoresco,  
sentimental, histórico,  
de Apipucos e do Monteiro;  
do Poço da Panela,  
da Casa Forte e do Caldeireiro,  
onde há poças de tempo  
estagnadas sob as mangueiras;

*De Caxangá  
a Apipucos*

*De Apipucos  
à Madalena*

de Sant'Ana de Fora  
e de Sant'Ana de Dentro,  
das muitas olarias,  
rasas, se agachando do vento.  
E mais sentimental,  
histórico e pitoresco  
vai ficando o caminho  
a caminho da Madalena.

Um velho cais roído  
e uma fila de oitizeiros  
há na curva mais lenta  
do caminho pela Jaqueira,  
onde (não mais está)  
um menino bastante guenzo  
de tarde olhava o rio  
como se filme de cinema;  
via-me, rio, passar  
com meu variado cortejo  
de coisas vivas, mortas,  
coisas de lixo e de despejo;  
viu o mesmo boi morto  
que Manuel viu numa cheia,  
viu ilhas navegando,  
arrancadas das ribanceiras.

Vi muitos arrabaldes  
ao atravessar o Recife:  
alguns na beira da água,  
outros em deitadas colinas;  
muitos no alto de cais  
com casarões de escadas para o rio;  
todos sempre ostentando  
sua ulcerada alvenaria;  
todos porém no alto  
de sua gasta aristocracia;  
todos bem orgulhosos,  
não digo de sua poesia,  
sim, da história doméstica  
que estuda para descobrir, nestes dias,  
como se palitava  
os dentes nesta freguesia.

Rasas na altura da água  
 começam a chegar as ilhas.  
 Muitas a maré cobre  
 e horas mais tarde ressuscita  
 (sempre depois que afloram  
 outra vez à luz do dia  
 voltam com chão mais duro  
 do que o que dantes havia).  
 Rasas na altura da água  
 vê-se brotar outras ilhas:  
 ilhas ainda sem nome,  
 ilhas ainda não de todo paridas.  
 Ilha Joana Bezerra,  
 do Leite, do Retiro, do Maruim:  
 o touro da maré  
 a estas já não precisa cobrir.

Casas de lama negra  
 há plantadas por essas ilhas  
 (na enchente da maré  
 elas navegam como ilhas);  
 casas de lama negra  
 daquela cidade anfíbia  
 que existe por debaixo  
 do Recife contado em Guias.  
 Nela deságua a gente  
 (como no mar deságuam rios)  
 que de longe desceu  
 em minha companhia;  
 nela deságua a gente  
 de existência imprecisa,  
 no seu chão de lama  
 entre água e terra indecisa.

Mas deixo essa cidade:  
 dela mais tarde contarei.  
 Vou naquele caminho  
 que pelo hospital dos Coelhos,  
 por cais de que as vazantes  
 exibem gengivas negras,  
 leva àquele Recife  
 de fundação holandesa.

As primeiras  
 ilhas

O outro  
 Recife

Dos Coelhos  
 ao cais de  
 Santa Rita

Nele passam as pontes  
 de robustez portuguesa,  
 anúncios luminosos  
 com muitas palavras inglesas;  
 passa ainda a cadeia,  
 passa o Palácio do Governo,  
 ambos robustos, sólidos,  
 plantados no chão mais seco.

Rio lento de várzea,  
 vou agora ainda mais lento,  
 que agora minhas águas  
 de tanta lama me pesam.  
 Vou agora tão lento,  
 porque é pesado o que carrego:  
 vou carregado de ilhas  
 recolhidas enquanto desço;  
 de ilhas de terra preta,  
 imagem do homem aqui de perto  
 e do homem que encontrei  
 no meu comprido trajeto  
 (também a dor desse homem  
 me impõe essa passada de doença,  
 arrastada, de lama,  
 e assim cuidadosa e atenta).

Vão desfilando cais  
 com seus sobrados ossudos.  
 Passam muitos sobrados  
 com seus telhados agudos.  
 Passam, muito mais baixos,  
 os armazéns de açúcar do Brum.  
 Passam muitas barcaças  
 para Itapissuma, Igarapu.  
 No cais de Santa Rita,  
 enquanto vou norte-sul,  
 surge o mar, afinal,  
 como enorme montanha azul.  
 No cais, Joaquim Cardozo  
 morou e aprendeu a luz  
 das costas do Nordeste,  
 mineral de tanto azul.

Mas antes de ir ao mar,  
onde minha fala se perde,  
vou contar da cidade  
habitada por aquela gente  
que veio meu caminho  
e de quem fui o confidente.  
Lá pelo Beberibe  
aquela cidade também se estende  
pois sempre junto aos rios  
prefere se fixar aquela gente;  
sempre perto dos rios,  
companheiros de antigamente,  
como se não pudessem  
por um minuto somente  
dispensar a presença  
de seus conhecidos de sempre.

Conheço todos eles,  
do Agreste e da Caatinga;  
gente também da Mata  
vomitada pelas usinas;  
gente também daqui  
que trabalha nestas usinas,  
que aqui não moem cana,  
moem coisas muito mais finas.  
Muitas eu vi passar:  
fábricas, como aqui se apelidam;  
têm bueiro como usina,  
são iguais também por famintas.  
Só que as enormes bocas  
que existem aqui nestas usinas  
encontram muitas pedras  
dentro de sua farinha.

A gente da cidade  
que há no avesso do Recife  
tem em mim um amigo,  
seu companheiro mais íntimo.  
Vivo com esta gente,  
entro-lhes pela cozinha;  
como bicho de casa  
penetro nas camarinhas.

### As duas cidades

As vilas que passei  
sempre abracei como amigo;  
desta vila de lama  
é que sou mais do que amigo:  
sou o amante, que abraça  
com corpo mais confundido;  
sou o amante, com ela  
leito de lama dividido.

Tudo o que encontrei  
na minha longa descida,  
montanhas, povoados,  
caieiras, viveiros, olarias,  
mesmo esses pés de cana  
que tão iguais me pareciam,  
tudo levava um nome  
com que poder ser conhecido.  
A não ser esta gente  
que pelos mangues habita:  
eles são gente apenas  
sem nenhum nome que os distinga;  
que os distinga na morte  
que aqui é anônima e seguida.  
São como ondas de mar,  
uma só onda, e sucessiva.

A não ser esta cidade  
que vim encontrar sob o Recife:  
sua metade podre  
que com lama podre se edifica.  
É cidade sem nome  
sob a capital tão conhecida.  
Se é também capital,  
será uma capital mendiga.  
É cidade sem ruas  
e sem casas que se diga.  
De outra qualquer cidade  
possui apenas polícia.  
Desta capital podre  
só as estatísticas dão notícia,  
ao medir sua morte,  
pois não há o que medir em sua vida.

Conheço toda a gente  
 que deságua nestes alagados.  
 Não estão no nível de cais,  
 vivem no nível da lama e do pântano.  
 Gente de olho perdido  
 olhando-me sempre passar  
 como se eu fosse trem  
 ou carro de viajar.  
 É gente que assim me olha  
 desde o sertão do Jacarará;  
 gente que sempre me olha  
 como se, de tanto me olhar,  
 eu pudesse o milagre  
 de, num dia ainda por chegar,  
 levar todos comigo,  
 retirantes para o mar.

A um rio sempre espera  
 um mais vasto e ancho mar.  
 Para a gente que desce  
 é que nem sempre existe esse mar,  
 pois eles não encontram  
 na cidade que imaginavam mar  
 senão outro deserto  
 de pântanos perto do mar.  
 Por entre esta cidade  
 ainda mais lenta é minha pisada;  
 retardo enquanto posso  
 os últimos dias da jornada.  
 Não há talhas que ver,  
 muito menos o que tombar:  
 há apenas esta gente  
 e minha simpatia calada.

Já deixando o Recife  
 entro pelos caminhos comuns do mar:  
 entre barcos de longe,  
 sábios de muito viajar;  
 junto desta barcaça  
 que vai no rumo de Itamaracá;  
 lado a lado com rios  
 que chegam do Pina com o Jiquiá.

Ao partir companhia  
 desta gente dos alagados  
 que lhe posso deixar,  
 que conselho, que recado?  
 Somente a relação  
 de nosso comum retirar;  
 só esta relação  
 tecida em grosso tear.

FIM DE "O RIO"

*Os dois mares*

*Oferenda*